**Cláudio Manuel da Costa**

Onde estou? Este sítio desconheço:  
Quem fez tão diferente aquele prado?   
Tudo outra natureza tem tomado;   
E em contemplá-lo tímido esmoreço.  
  
Uma fonte aqui houve; eu não me esqueço   
De estar a ela um dia reclinado:   
Ali em vale um monte está mudado:  
Quanto pode dos anos o progresso!  
  
Árvores aqui vi tão florescentes,   
Que faziam perpétua a primavera:   
Nem troncos vejo agora decadentes.  
  
Eu me engano: a região esta não era:  
Mas que venho a estranhar, se estão presentes   
Meus males, com que tudo degenera!

**Tomás Antônio Gonzaga**

**Marília de Dirceu: Parte I, Lira I**

Eu, Marília, não sou algum vaqueiro,   
Que viva de guardar alheio gado;   
De tosco trato, d’expressões grosseiro,   
Dos frios gelos, e dos sóis queimado.   
Tenho próprio casal, e nele assisto;   
Dá-me vinho, legume, fruta, azeite;   
Das brancas ovelhinhas tiro o leite,   
E mais as finas lãs, de que me visto.  
                     Graças, Marília bela,   
                     Graças à minha Estrela!  
  
Eu vi o meu semblante numa fonte,   
Dos anos inda não está cortado:   
Os pastores, que habitam este monte,   
Respeitam o poder do meu cajado:   
Com tal destreza toco a sanfoninha,   
Que inveja até me tem o próprio Alceste:   
Ao som dela concerto a voz celeste;   
Nem canto letra, que não seja minha,  
                     Graças, Marília bela,   
                     Graças à minha Estrela!   
  
Mas tendo tantos dotes da ventura,   
Só apreço lhes dou, gentil Pastora,   
Depois que teu afeto me segura,   
Que queres do que tenho ser senhora.   
É bom, minha Marília, é bom ser dono   
De um rebanho, que cubra monte, e prado;   
Porém, gentil Pastora, o teu agrado   
Vale mais q’um rebanho, e mais q’um trono.  
                      Graças, Marília bela,   
                      Graças à minha Estrela!   
  
Os teus olhos espalham luz divina,   
A quem a luz do Sol em vão se atreve:   
Papoula, ou rosa delicada, e fina,   
Te cobre as faces, que são cor de neve.   
Os teus cabelos são uns fios d’ouro;   
Teu lindo corpo bálsamos vapora.   
Ah! Não, não fez o Céu, gentil Pastora,   
Para glória de Amor igual tesouro.  
                      Graças, Marília bela,   
                      Graças à minha Estrela!   
  
Leve-me a sementeira muito embora   
O rio sobre os campos levantado:   
Acabe, acabe a peste matadora,   
Sem deixar uma rês, o nédio gado.   
Já destes bens, Marília, não preciso:   
Nem me cega a paixão, que o mundo arrasta;   
Para viver feliz, Marília, basta   
Que os olhos movas, e me dês um riso.  
                      Graças, Marília bela,   
                      Graças à minha Estrela!

Irás a divertir-te na floresta,   
Sustentada, Marília, no meu braço;   
Ali descansarei a quente sesta,   
Dormindo um leve sono em teu regaço:   
Enquanto a luta jogam os Pastores,   
E emparelhados correm nas campinas,   
Toucarei teus cabelos de boninas,   
Nos troncos gravarei os teus louvores.

…….

**Basílio da Gama: Uraguai**

(Canto IV)

Não faltava,  
Para se dar princípio à estranha festa,  
Mais que Lindóia. Há muito lhe preparam  
Todas de brancas penas revestidas  
Festões de flores as gentis donzelas.  
Cansados de esperar, ao seu retiro  
Vão muitos impacientes a buscá-la.  
Estes de crespa Tanajura aprendem  
Que entrara no jardim triste e chorosa,  
Sem consentir que alguém a acompanhasse.  
Um frio susto corre pelas veias  
De Caitutu, que deixa os seus no campo;  
E a irmã por entre as sombras do arvoredo  
Busca co’a vista, e teme de encontrá-la.  
Entram enfim na mais remota e interna  
Parte de antigo bosque, escuro e negro,  
Onde ao pé de uma lapa cavernosa  
Cobre uma rouca fonte, que murmura,  
Curva latada de jasmins e rosas.  
Este lugar delicioso e triste,  
Cansada de viver, tinha escolhido  
Para morrer a mísera Lindóia.  
Lá reclinada, como que dormia,  
Na branda relva e nas mimosas flores,  
Tinha a face na mão, e a mão no tronco  
De um fúnebre cipreste, que espalhava  
Melancólica sombra. Mais de perto  
Descobrem que se enrola no seu corpo  
Verde serpente, e lhe passeia, e cinge  
Pescoço e braços, e lhe lambe o seio.  
Fogem de a ver assim, sobressaltados,  
E param cheios de temor ao longe;  
E nem se atrevem a chamá-la, e temem  
Que desperte assustada, e irrite o monstro,  
E fuja, e apresse no fugir a morte.  
Porém o destro Caitutu, que treme  
Do perigo da irmã, sem mais demora  
Dobrou as pontas do arco, e quis três vezes  
Soltar o tiro, e vacilou três vezes  
Entre a ira e o temor. Enfim sacode  
O arco e faz voar a aguda seta,  
Que toca o peito de Lindóia, e fere  
A serpente na testa, e a boca e os dentes  
Deixou cravados no vizinho tronco.  
Açouta o campo co’a ligeira cauda  
O irado monstro, e em tortuosos giros  
Se enrosca no cipreste, e verte envolto  
Em negro sangue o lívido veneno.  
Leva nos braços a infeliz Lindóia  
O desgraçado irmão, que ao despertá-la  
Conhece, com que dor! no frio rosto  
Os sinais do veneno, e vê ferido  
Pelo dente sutil o brando peito.  
Os olhos, em que Amor reinava, um dia,  
Cheios de morte; e muda aquela língua  
Que ao surdo vento e aos ecos tantas vezes  
Contou a larga história de seus males.  
Nos olhos Caitutu não sofre o pranto,  
E rompe em profundíssimos suspiros,  
Lendo na testa da fronteira gruta  
De sua mão já trêmula gravado  
O alheio crime e a voluntária morte.  
E por todas as partes repetido  
O suspirado nome de Cacambo.  
Inda conserva o pálido semblante  
Um não sei quê de magoado e triste,  
Que os corações mais duros enternece  
Tanto era bela no seu rosto a morte!

**Santa Rita Durão: *Caramuru***

**Canto VI**

XXXVII

Copiosa multidão da nau francesa  
Corre a ver o espetáculo assombrada;  
E, ignorando a ocasião de estranha empresa,  
Pasma da turba feminil que nada.  
Uma, que às mais precede em gentileza,  
Não vinha menos bela do que irada;  
Era Moema, que de inveja geme,  
E já vizinha à nau se apega ao leme.

XXXVIII

"- Bárbaro (a bela diz), tigre e não homem...  
Porém o tigre, por cruel que brame,  
Acha forças amor que enfim o domem;  
Só a ti não domou, por mais que eu te ame.  
Fúrias, raios, coriscos, que o ar consomem.  
Como não consumis aquele infame?  
Mas apagar tanto amor com tédio e asco...  
Ah que o corisco és tu... raio... penhasco?

(...)

XLI

Enfim, tens coração de ver-me aflita,  
Flutuar moribunda entre estas ondas;  
Nem o passado amor teu peito incita  
A um ai somente com que aos meus respondas!  
Bárbaro, se esta fé teu peito irrita,  
(Disse, vendo-o fugir), ah não te escondas!   
Dispara sobre mim teu cruel raio..."  
E indo a dizer o mais, cai num desmaio.

XLII

Perde o lume dos olhos, pasma e treme,  
Pálida a cor, o aspecto moribundo;  
Com mão já sem vigor, soltando o leme,   
Entre as salsas escumas desce ao fundo.  
Mas na onda do mar, que irado freme,  
Tornando a aparecer desde o profundo,  
- Ah! Diogo cruel! - disse com mágoa,  
E, sem mais vista ser, sorveu-se n’água.